

Apagar e apelar: efeitos de ameaça de extinção do corpo negro no discurso de liderança cristã

Felipe Muniz da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço de eletrônico: psi.felipemuniz@gmail.com

Edvania Gomes da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço de eletrônico: edvania.gomes@uesb.edu.br

1004

Palavras-chave: Memória. Intradiscurso. Racialidade. Discurso religioso

INTRODUÇÃO

O corpo é o lugar do visível e do invisível, que não apenas se expõe no olhar do outro, “é constituído pelo olhar mesmo que a visão não esteja presente” (Hashiguti, 2008, p. 8). Na esteira dessa problemática, pensar o corpo implica em se atentar aos lugares sociais e discursivos em que ele é produzido e atualizado na e pela memória. Por sua vez, chegamos então ao corpo negro, que ganha corporalidade em meio ao funcionamento da memória no tempo histórico das práticas sociais.

É pelo “*tempo longo de uma memória*” e no “*tempo curto da atualidade de uma enunciação*” (Courtine, 2009, p. 106, grifos do autor) que o corpo negro é articulado no discurso e significado na memória, tornando-se, portanto, não-transparente em meio ao funcionamento de tensões e deslocamentos do político e do simbólico.

É pensando nessa conjuntura que, a partir da análise do discurso materialista, chegamos ao gesto de análise de uma pregação disponibilizada no *YouTube*¹ em que um pastor enuncia a seguinte Sequência Discursiva (SD): “Já que Deus não me fez tão bonita, meu cabelo não é liso, os meus olhos não são assim ..., Ele me deu condições. Se tu não

¹ Deus Criador. **A mulher desprovida de beleza - PR Osiel Gomes.** YouTube, 25 de julho de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lhHUp0z22Qw&t=1s>>. Acessado em 20 de maio de 2024.

Realização:



Apoio:



nasceu bonita, o jeito é apelar...”. Objetivamos investigar que discursos ancoram e atravessam a referida construção, tendo em vista o funcionamento do efeito de memória que opera na posição-sujeito do discurso.

Dessa forma, tensionando racialidade e memória na superfície do discurso, este trabalho, a partir do batimento entre o linguístico e o discursivo, pretende contribuir com reflexões sobre as relações de poder e de opressão que permeiam a estética racializada na memória discursiva, sublinhando práticas que promovem a resistência e o combate ao racismo.

1005

METODOLOGIA

No que tange à análise do discurso de uma liderança cristã disponibilizado no espaço enunciativo informatizado *YouTube*, iniciamos com a passagem da superfície linguística para o texto (discurso). Em momento posterior, foi realizada a passagem do objeto discursivo para a formação discursiva, indicando que efeitos de memória são postos em funcionamento. E por fim, em paralelo a essa etapa, demos início a fase de batimento de descrição/análise do *corpus* de acordo com a remissão deste às suas condições de produção, pois, assim, é possível apresentar o processo discursivo e o funcionamento da memória discursiva na linearidade do discurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na linearidade do discurso, um efeito de sustentação é posto em funcionamento a partir da implicação entre as propriedades das duas orações que constituem a SD, fazendo funcionar, na primeira, “Já que Deus não me fez tão bonita, meu cabelo não é liso, os meus olhos não são assim ..., Ele me deu condições”, uma espécie de silogismo, segundo o qual “Todo mundo que é bonito tem cabelo liso e olhos “assim”. Logo, se o cabelo de alguém não é liso e os olhos não são “assim”, essa pessoa não é bonita. E, nesse caso, como dito na segunda oração, “o jeito é apelar”

Em meio ao processo de implicação que indica o efeito de sustentação no discurso, as orações subordinadas “se tu não nasceu bonita” e “já que Deus não me fez tão bonita”,

Realização:



Apoio:



acompanhadas das apositivas “meu cabelo não é liso, os meus olhos não são ‘assim’”, materializam as condições e as razões para “apelar”.

Quando aproximamos as construções “não nascer” e “Deus não fazer”, notamos que há uma condicionalidade elíptica entre o “se” e o “então”, a qual reverbera uma relação de implicação, de modo que se “não nascer” e se “Deus não fizer”, então, “o jeito é apelar”. Assim, a posição-sujeito estabelece um processo de encadeamento entre carência (não ter/ não nascer) e demanda (apelar), apontando, por meio das apositivas, os elementos que constituem os corpos bonitos e os não tão bonitos.

Essa relação de implicação marca a evocação lateral de um pré-construído na memória que serve para pensar o objeto da preposição de base mobilizada no discurso. Nesse seguimento, há o estabelecimento de uma relação de condicionalidade entre os verbos “fazer” e “nascer” e o verbo “apelar”, admitindo um sentido de beleza já-dito antes e em outro lugar. No entanto, cabe ressaltar que essa condicionalidade é modificada pelo advérbio de intensidade “tão” que, no discurso, produz um arranjo entre os corpos que não são tão bonitos e a necessidade de apelar.

Dessa forma, a posição-sujeito distancia os corpos belos e não (tão) belos que Deus fez por meio de uma lista de atributos que fenotipicamente desembocam na racialidade. O sentido de beleza já-dito antes e em outro lugar na memória, mobiliza, na lateralidade do discurso, a racialidade, de forma a circunscrever e delimitar o corpo que é belo: o corpo com cabelo liso, com olhos “assim”, de uma forma específica. Dessa maneira, é possível remeter à referência fenotípica linearizada na formulação sob análise por meio das seguintes paráfrases: se Deus não fez um corpo branco, não se nasce (tão) bonito, ou ainda, se Deus não fez um corpo branco, o corpo outro (negro), não é (tão) bonita(o).

Assim, pensamos que as discursividades que transpõem a temática do corpo e da beleza são marcadas por discursos racializados, uma vez que esses dão “conta de um funcionamento discursivo atravessado pela memória dos processos sociais e históricos de racialização os quais se manifestam [...] nos dizeres e imagens que dissimulam seu atravessamento racial (Modesto, 2021, p. 9).

Na sequência discursiva em análise, o corpo que Deus não fez (tão) bonito, o corpo negro, desprovido de um cabelo liso e de um olho de uma forma específica, só dispõe de

Realização:



Apoio:



um caminho: “apelar”. Essa construção traduz os recursos que o corpo negro busca acessar para ser belo, isto é, a necessidade que o corpo negro tem de recorrer a meios externos para se aproximar dos corpos tão bonitos que Deus fez, uma vez que “Ele me deu condições”, não de ser ou nascer (tão) bonito(a), mas de “apelar”. Nesse caso, o termo “condições” reverbera discursos outros relacionados à formação ideológica capitalista-burguesa, pois faz emergir um enunciado segundo o qual “se eu não posso ser bonito(a), eu compro (“me deu condições”) uma beleza artificial. Ou, “se eu não tenho um cabelo liso, eu pago para alisá-lo”.

Ao problematizar a memória discursiva do corpo negro, Kilomba (2021, p. 127, grifo da autora) chama de “*sinais repulsivos da negritude*”, os elementos fenotípicos que se tornaram marcas da servidão, pois foram sendo discursivizados enquanto símbolo de primitividade, inferioridade e não civilidade.

Sendo assim, o efeito de memória materializado na/pela SD em análise operacionaliza uma relação entre o interdiscurso na atualidade da enunciação, marcando a sua temporalidade histórica, a qual “se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva” (Courtine, 2009, p. 106, grifo do autor). Nessa conformação, o efeito de memória é operacionalizado pelas próprias condições de produção, as quais são retomadas no discurso de lideranças cristãs e acabam por retomar ideologias que delineiam e delimitam o lugar de beleza do corpo negro.

CONCLUSÕES

Pelo exposto, é possível afirmar que os efeitos de memória no discurso de lideranças cristãs produzem e circulam sentidos de beleza que contornam o corpo negro, uma vez que “a produção de sentidos é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é ‘produzido como causa de si’ na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso” (Pêcheux; Fuchs, 2014, p. 238, grifos dos autores).

Nessa conformação, os efeitos de memória retomam um já-dito de beleza no discurso de lideranças cristãs, despontando para uma necessidade de correspondência

Realização:



Apoio:



estética-eurocêntrica. E é a partir de deslocamentos e delimitações que pensamos nas discursividades que circunscrevem o corpo negro e nos sentidos de beleza dispostos pelos efeitos de memória, inscritos na história e materializados nas discursividades operacionalizadas pelo interdiscurso, visto que “a memória irrompe na atualidade do acontecimento” (Courtine, 2009, p. 103). Diante do exposto, propomos, aqui, pensar na imbricação da memória discursiva racializada do corpo com a produção e circulação de sentidos de beleza no discurso de lideranças cristãs.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2009.

HASHIGUTI, Simone. **Corpo de memória**. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/415227>>. Acessado em 07 de abril de 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>>. Acessado em 29 de agosto de 2022.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catharine. À propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GATED, F.; HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux/ organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al]**. – 5ª ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 159- 249.

Realização:



Apoio:

